

## A JOVEM PROSTITUTA E SUA MÃE

*Olivier Douville\**

*Tradução: Procopio Abreu\*\**

### RESUMO

Este artigo é consequência da experiência do autor como supervisor de um grupo de pesquisa clínica cujo enfoque é a prostituição na adolescência. Considerando a abordagem feita por algumas psicoterapias psicanalíticas, o autor sustenta que a prostituição nesses casos deve ser compreendida como uma cena psíquica e não simplesmente como um ato delinqüente. Ele afirma que dois aspectos intrapsíquicos determinariam tal cena: 1) a presença de um superego muito severo; 2) o desafio à mãe. O objetivo da pesquisa visa promover uma nova abordagem da prostituição entre as jovens, pela psicanálise e pelas psicoterapias, que funcione de forma preventiva, oferecendo uma alternativa simbólica mais adaptada e menos culpabilizante.

Palavras-chave: adolescência; laço mãe-filha; prostituição; superego.

### ABSTRACT

#### THE YOUNG PROSTITUTE AND HER MOTHER

*This article stems from the author's experience as a supervisor in a clinical research group focusing on prostitution in adolescence. Considering the approaches made by some psychoanalytic psychotherapies, the author suggests*

---

\* Psicanalista; Antropólogo; Mestre de conferências em Psicologia Clínica, Universidade de Paris 10 –Nanterre; Diretor de publicação de *Psychologie Clinique*.

\*\* Tradutor; Professor de francês.

*that, in these cases, prostitution should be understood as a psychic scene and not merely as a delinquent act. He states that two intra-psychic aspects determine this scene: 1) the presence of a very severe superego; 2) a challenge to the mother. This research's goal is to promote a new approach, by psychoanalysis and by other psychotherapies, towards female adolescent prostitution, that works as a prevention, offering a more adapted and less guilt-ridden symbolic alternative.*

*Keywords: adolescence; mother-daughter bond; prostitution; superego.*

Não queremos aqui considerar os diversos fenômenos de prostituição sob um ângulo vagamente moral, ou, pior ainda, de compaixão. Ao mesmo tempo, isso não deixa de dificultar o funcionamento da teorização psicanalítica que ele reivindica, a justo título e não sem argumentos. Com efeito, esta última comporta certos privilégios, como o de apostar na possibilidade de processos de subjetivação que também venham a se construir, mas de maneira bem particular, naquilo que o “senso comum” identificaria como as piores condições de exploração social ou sexual do sujeito. Esse privilégio, contanto que seja mantido no âmbito de uma epistemologia psicanalítica, por certo não é uma presunção. De imediato, convém notar que a avaliação psicanalítica dos processos de subjetivação (montagens entre identidade e relação com a alteridade), que podem ocorrer no ato de se prostituir, só pode ser feita num respeito do “caso por caso”, do “um por um”. É nesse sentido que nosso texto não condena a prostituição, embora tampouco a legitime ou a banalize.

Eu situaria um dos primeiros pontos de referência de minhas reflexões relativas ao fenômeno de prostituição da jovem, encarado sob o aspecto de suas causalidades psíquicas e de suas incidências subjetivas, no texto de Devereux ([1964] 1977) “A delinqüência sexual de jovens numa sociedade puritana”. Datado de 1964, esse texto explica o comportamento de prostituição de jovens confrontadas com a repressão particularmente feroz exercida pela moral puritana sobre expressões do desejo sexual e da sexualização da imagem do corpo. Devereux costuma simplificar e fazer da sociedade puritana que ele

incrimina um retrato ácido, sem nuance, de modo que uma leitura apressada demais acabaria confundindo a idéia central deste artigo com um tipo de defesa da inocência das pobres queridinhas confrontadas com um mundo hostil e cruel. O recalque (mecanismo idiossincrásico) e a repressão (maneira de se contentar com o sexual próprio a uma dada sociedade) são assimilados abusivamente. É verdade que as posições totalmente superficiais e patéticas de Devereux sobre o mundo ocidental moderno não inspiram muita confiança na capacidade que teria a etnopsiquiatria de falar das formas atuais do laço social. Ora, aí não reside o essencial desse artigo. “As delinqüentes juvenis não se entregam a uma atividade sexual verdadeira, utilizam a sexualidade como meio em vista de um fim agressivo ou masoquista e de uma maneira que constitui em si um atentado à sexualidade autêntica, à sexualidade adulta” (Devereux, [1964] 1977: 194).

Alguns parágrafos mais adiante, Devereux postula: “O elemento de revolta presente em toda deformação da personalidade exige para se manifestar – e também para aliviar a ansiedade subjacente – um sintoma que cai sob o golpe de um rigoroso tabu social” (Devereux, [1964] 1977: 196). A teoria subjacente é uma teoria da normatização e da mascarada. A identificação fundamental é aquela que leva um sujeito a adotar, de forma antagônica, aquilo que a sociedade a que ele pertence rejeita ou condena.

O indivíduo dessa etnopsiquiatria, então dissidente de todo nivelamento culturalista da pessoa, é o indivíduo fora de norma. Devereux ([1964] 1977) continua num embalo mais freudiano; ele, de qualquer modo, viu outra coisa que os famosos “modelos de inconduta” que foram por um tempo a esperança da psicologia cultural nos Estados Unidos. Ele não atribui às condutas de delinqüência sexual que estuda o desafio ou a busca de lei e seus atributos. O que está no cerne da motivação psíquica dessas jovens não se resume a um jogo da posição do sujeito entre o ideal e seu avesso (um contra-ideal), ou, ainda, à simples idéia de que se possa atribuir a inconduta sexual a uma regressão pulsional, que, liberada em toda a sua cruzeza, é horripilante.

A inconduta sexual ostentatória da jovem delinqüente, de acordo com esse papel de sintoma-tela que lhe atribuímos, hipnotiza literalmente psicoterapeutas e educadores que são levados a tomar a jovem delinqüente exatamente pelo que ela se dá: uma “máquina do Id” em estado selvagem, em lugar de ver nela uma puritana cujo Supereu vagueia (Devereux, [1964] 1977: 211).

Partindo das teses de Linton, Devereux ([1964] 1977) forjou uma clínica psicanalítica do social, que leva à sua maior coerência nesse artigo. A posição subjetiva, decorrente de uma lógica própria das identificações, é abordada a partir das injunções do supereu, de um “sintoma-tela”. Retomando *Mal-estar na civilização* (Freud, [1930] 1969), Devereux aponta duas faces do Supereu: uma, consoladora, entrelaçada nos ideais pacificadores da pulsão, e a outra, reduzida à crueldade. Neste sentido, trata-se no texto de Devereux ([1964] 1977) do Supereu arcaico. Não se trata, então, dos efeitos da internalização da tradição e da cultura, ou, ainda, do superego que situa o sujeito frente à lei e à castração. Trata-se de um supereu que é resíduo das primeiras escolhas objetais. Ele enuncia “seja assim”, um comando que determina no sujeito como deve ser, com o que se identificar. O “seja assim” do Supereu arcaico é um enunciado feroz, uma instância simbólica que submete o sujeito a uma única palavra, uma única imagem, um único código. Uma instância simbólica, decerto, mas que tem essa particularidade, a de reduzir o sujeito a uma única coisa, não situá-lo em nenhuma discursividade, em nenhum confronto dialético com o ideal.

Notemos que é bem nesse ponto que as teorias psicanalíticas do comando superegógico divergem. O Supereu ligado ao ideal determina no sujeito que se lance além dos ideais contemporâneos, levando-o a reinventar e reencontrar as insígnias de sua filiação, a traí-las, traduzindo-as de forma singular, num horizonte amplo. Essa modalidade do supereu se estende para além do Eu [*Moi*] enquanto sua outra versão leva ao além do princípio de prazer, ao apontar o gozo. Teremos aí reconhecido o Supereu lacaniano. Mas também

teremos reconhecido aquilo que nos ensina a experiência da cura psicanalítica. Com efeito, essa última nos ensina que a posição do sujeito em relação ao sexual é dependente do dizer de seus ascendentes, de um dizer que inclui um mal-dizer, que pode operar como uma forma de estigmatização.

De um ser vindo ao mundo em que a identificação sexuada sofre uma estigmatização, uma fala de destituição... eis aí o fio condutor de nossa formulação. “Prostituta” é uma palavra que encontrei naquilo que podem contar jovens prostitutas a uma equipe de tratamento educativo, por mim supervisionada, em dois empregos opostos e provavelmente solidários. À injunção ouvida com frequência na infância “serás uma prostituta” responderia a declaração de identidade: “sou uma prostituta”. Foi uma declaração identitária, pronunciada por uma jovem de 18 anos, que se apresentou assim em vez de dizer seu nome. Compreendemos tratar-se de uma posição ativa e não passiva, do deslocamento do sujeito desvelado e coisificado ao sujeito desvelando seu ser sob uma palavra de desafio. Trata-se, então, de uma inversão, da passagem do insulto à declaração de si, essa transmutação do estigma em nome de guerra. De imediato, seria preciso acrescentar que isso não nos espanta, pois está bem na moda essa maneira de declinar a identidade salientando a diferença. Sei que muitos textos foram escritos nesse sentido.

Sobretudo não devemos ir rápido demais. Antes de estigmatizar a época do identitarismo, talvez fosse melhor situar as implicações dessa declaração identitária. Elas são simples. Apenas no plano manifesto, podemos vê-las desfilar: a prostituição é não só uma cena, mas um modo de ser, não só um ato, mas uma profissão. É fácil entender que quanto mais um modo de vida do sexual acarreta um vazio de ser, mais a declaração de identidade será barulhenta, orgulhosa e obstinada em se querer legítima. E, seguindo essa linha, não poderíamos confinar um sujeito às palavras que ele utiliza e ordena para conjurar o próprio evanescimento. Essa declaração, de fato, é uma montagem em que o discurso social vem dar um sentido a esse efeito de identificação imposta. Um certo desconhecimento disso

decorre se nada dessa identidade for submetido a um novo remanejamento subjetivo. O orgulho identitário, muralha narcísica, encerra todo questionamento, mas sem pôr termo à angústia e à depressão; abre para outras problemáticas clínicas.

Parece-me mais simples – e talvez seja mais importante – discutir um pouco mais antes dessa constatação de uma hostilidade muito importante com a qual essas jovens tiveram de se confrontar na relação com a mãe.

Tomo dois momentos clínicos expostos por essa equipe e comigo trabalhados. De um lado, uma mulher jovem que explica a rivalidade na fratria, e na família de maneira mais ampla, como uma rivalidade para satisfazer a mãe: “É, ninguém consegue satisfazê-la (a mãe). O único que consegue satisfazê-la é o meu irmão”. Do outro lado, essa observação recorrente segundo a qual, diante dos efeitos de linguagem da mãe, uma certa sensibilidade às palavras acarretaria um mecanismo identificatório da injunção, que pode permitir entender a passagem ao ato. A injunção identificatória costuma ser um insulto: “Você é só uma puta”. O sujeito responde por uma encenação de seu corpo.

Chegamos aqui ao cerne do assunto. Temos nas mãos as coordenadas da cena. Um modelo do trauma encontra os dados canônicos do “estádio do espelho”. Eis então que, no momento em que o sujeito busca uma fala que ligue sua imagem do corpo a palavras portadoras de idealidades dinâmicas, a jovem só recebe como resposta um insulto. Essa concepção estabelece o lugar de uma exceção. Que entendamos bem que, longe de pôr a mãe como Mestre no jogo identificatório, uma cena como essa torna impossível a rivalidade com a mãe. Diríamos que só há lugar para um único corpo: o da filha ou o da mãe, um único corpo a poder encarnar o brilho fálico. A mãe existe como presença hostil. E criam-se efeitos de clivagem entre a voz da mãe e um corpo materno erógeno e inesgotável que, mais tarde, certas jovens prostitutas dizem encontrar e recriar nos contatos corporais com parceiros intercomunicáveis. Ali onde o falo está disjunto de seus atributos sexuais, restam a promessa e o dom de

um corpo-parceiro incansável, continente. Ficção talvez... mas também essa segurança que dá a algumas o fato de encontrar parceiro indiferenciado, renovável. O dinheiro aqui desempenharia dois papéis ao introduzir dois cortes: um que visa descompletar esse gozo (com certeza não fálico ou, se preferirmos, não orgásmico) do retorno ao indiferenciado, colocando-o em seqüência a cada pagamento; o segundo, que é mais clássico, protegeria o sujeito de fantasias incestuosas com o pai. O cliente típico é aquele que não volta à cena vestido de sedutor.

Voltemos à arqueologia da cena de prostituição para questioná-la. A mãe injuntiva, aquela que emite, não sem despeito, o insulto, também está na apresentação de que saberia algo sobre o gozo. Teríamos, então, um esquema determinante “traumático” para o qual a injunção agiria como um estímulo e a colocação em ato do corpo como uma resposta. Felizmente para a pesquisa clínica, o texto que comento introduz uma observação sutil, discreta, mas totalmente necessária. Ali se indica uma virada explicativa de envergadura, pois, às vezes, essas injunções seriam como que fabricadas fantasmaticamente pelo sujeito.

O que também deve ser explicitado. Certas jovens colocariam, então, duas relações com o dizer materno. Uma é traumática. Um significante que põe em relevo e condena. Comportar-se como prostituta... o que viria resolver uma relação disfuncional entre a percepção de si e a constituição de si. Nessa versão, existe até a idéia de uma prematuração da escolha do gênero sexual, da qual não se sabe ao certo se é feita por obediência à mãe ou para responder ao insulto através do desafio (encontraríamos então certas linhas de pensamento de Devereux). Uma escolha de exibição do gênero sexual seria a carta encontrada pelo sujeito para conter a pulsão de morte. É notável que o que mantém certas jovens numa forma de erotologia da prostituição seja precisamente poder dar de novo a si mesma um corpo não tanto amável ou desejável, pois ali se fecharia a armadilha da sedução precoce demais, mas tátil e viva, acalentada pela voz, ladeada pelo olhar. Trata-se de regressão? Sem dúvida alguma. Deve-

se apenas notar que o enfoque enquanto uma forma de regressão e de arcaísmo torna para nós difícil identificar um fato de estrutura. Uma das idéias fortes é ressaltar que a prostituta espera algo de físico do cliente. Também é dele que um alívio é esperado. Afinal, ele também espera um serviço dessa ordem, o que explica muitos arranjos, quase convivências, possíveis. O defeito de amor no laço de si a si conforta-se numa falta de amor do laço social. De defecção do amor em defecção do amor, o corpo se confronta com a violência do pulsional, tendo sempre o dinheiro como proteção. É certamente gozoso e protetor queimar dinheiro, é melhor que “queimar” a si mesmo, e é para se perguntar se as jovens prostitutas que fazem do dinheiro esse objeto a ser reduzido bem rápido a nada na fulgurância de uma quase imolação dos recursos não são tampouco aquelas que mais bem cuidam do seu corpo<sup>1</sup>.

É evidente que, no plano pragmático, tal explicação é preciosa. Com efeito, o traumatismo fixa o ser a golpes de sintoma. E aí, ainda, algumas dessas jovens situam, com bastante justeza, como efeitos desencadeadores, responsáveis tanto pela entrada na prostituição como pela saída, uma fala de desamor que aniquila o ser e uma fala de amor que o visa para além do caráter imediato das aparências de jogo pulsional. Mas, tão logo fica claro que algumas dessas injunções são fabricadas *a posteriori*, e portanto como que requeridas por algumas dessas jovens, a problemática de conjunto assume uma extensão renovada. Como é possível que um sujeito acabe fabricando essa mãe traumatogênica se não for evocando dois pontos centrais das teorias psicanalíticas? Num primeiro tempo, a marginalização do ideal cria uma angústia aterrorizante que é a de ser reduzido apenas ao próprio corpo e ao próprio organismo. A prostituição teria, para certas jovens, o efeito, senão a virtude, de dar direção e endereço a esse corpo que não entra na ficção comum dos corpos, mas ocupa seu avesso obscuro por uma imagem de corpo de mulher fascinante, pois eminentemente apta a captar o desejo. Aqui chegamos um pouco mais próximos de uma característica dessa prostituição. A fábrica de um corpo erótico que arrebatada e vem recobrir

as hiências do corpo erógeno. O que trabalha e tira o fôlego da cena seria esse corpo captador e preponderante, seria a questão identificatória que implica o risco de uma vertigem evanescente, de uma presença dessa outra mulher que, como um *flash*, teria parasitado a percepção que a mãe tem da filha.

A experiência como prostituta opera como uma parte da erótica materna. A jovem, nesse endereçamento à mãe, busca, e poderá se esclarecer em razão de elementos necessariamente irracionais, mas não ilógicos, a imagem fascinante ao ponto de seu ser rebaixar-se em nome de uma promessa de amor. Daí a importância desse quarto personagem que vai sempre se apresentar como a mulher legítima, a burguesa, em suma, como aquilo que toda filha imagina pejorativamente de sua mãe no casal parental no momento em que queima a rivalidade edipiana. Nada de tão sério assim. Não paremos aqui. O quarto personagem também é essa mulher que detém um pouco do objeto feminino, um pouco do mistério da feminilidade. Assim, ela oferece uma solução histericizante àquilo que haveria de mortífero e de precisamente maníaco-depressivo na relação devastadora da filha com a mãe.

A injunção materna, ainda. Imaginar uma jovem submetida à injunção materna corresponde à encarnação do significante que falta representar no discurso, o que seria a Mulher, toda. Assim, ser só uma puta (e não apenas ser uma puta) também é tornar-se aquele Outro que falta à mulher (a exceção feminina absoluta) e aos homens (a mulher que eles sempre possuirão e que nunca terão). Então, se a injunção materna funciona como causa para a jovem e tem como sentido, através da identificação, elevar o corpo a uma totalidade, encontramos aí um paradoxo radical. Ao se tornar esse Outro, esse estranho radical, essa totalidade do parecer, o corpo se aniquila. Como vimos, as jovens prostitutas têm, a esse respeito, uma conduta ordálica com o dinheiro, deslocando para este, sinal do poder arrebatado do outro, as ameaças de aniquilamento.

A discussão clínica deve aqui marcar um tempo, uma pausa. Caso contrário, arriscaríamos propor uma leitura estruturalista da

prostituição dessas jovens, o que trairia o trabalho comentado e muito rápido viraria um contra-senso. Não se ganha nada esquecendo que a prostituição é primeiramente uma conduta social e que pode dizer respeito a sujeitos caracterizados por estruturas psíquicas diferentes.

Penso, de resto, que o esforço de rigor desejado por essa equipe de trabalho nos afasta de tal destino. Tratar-se-ia, mais exatamente, de compreender o que se subjetiva na experiência como prostituta. Tentei trazer minha resposta: essa experiência permitiria um jogo de balança entre aquilo que se aniquila na satisfação pulsional e aquilo que ali se realiza de ser.

É importante que, antes de nos arriscarmos em considerações sobre o perfil psicológico de uma jovem, não desprezemos o fato de que a conduta e a cena da prostituição são poderosos atrativos para jovens que conheceram uma relação danosa com a própria mãe.

Eu gostaria de enunciar efeitos possíveis do dano sofrido. O vetor da cena de prostituição seria o de uma transmissão do feminino, que faz pouco do pai e só se sustenta por um saber entre mulheres? Eu não chegaria a esse ponto pelo menos por duas razões:

– Pode ocorrer a passagem de uma jovem à prostituição para que, através da identificação com a mãe, possa exibir seu desejo insatisfeito.

– Mulheres jovens narraram ter medo de saírem sozinhas à rua e encontrarem sua mãe entregando-se à prostituição. O sentido desse temor diria respeito ao enigma do gozo materno, considerado incomensurável e sem restrições, concepção esta que ruiria ao apontar a insatisfação do gozo testemunhada pela contagem sucessiva dos amantes.

Certas jovens que colecionam experiências eróticas realizam, quase sempre, uma fantasia matricida particular: vencer não a mãe, mas o gozo materno, ao se comportar como um homem, tal como na fantasia.

Acrescento, para concluir, que parece claro que a relação primordial da filha com a mãe é o que define a prostituição no futuro. Não se pode deixar de lado a possibilidade de que um laço entre a

mãe e a filha tenha se estabelecido a partir de uma convivência quanto à exclusão da fala e da presença paterna. Essa convivência passa despercebida se nos limitarmos apenas ao romance familiar que leva essas jovens à prostituição. A figura do pai ressurgue quando os homens operam como bóias salva-vidas? Esse pai não foi foracluído, mas destituído: é eternizado com a produção do fetiche? É esperado que ele seja o homem dessa mulher, a quarta personagem? Nada indica que ele acabaria como um proxeneta ou como namorado. Como são retomadas as figuras de um pai? Talvez sobre essa questão poderiam ser retomados estudos sobre o que permite, ou não, o descolamento do corpo do sujeito na cena de prostituição, cena quase sempre tensa em que a pulsão vacila entre a plenitude do ser e seu aniquilamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Devereux, G. (1964/1977). La délinquance sexuelle des jeunes filles dans une société puritaine. Em *Essais d'ethnopsychiatrie générale* (pp. 180-213). Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1930/1969). O mal-estar na civilização. *Obras completas, ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Mais uma vez devo dizer que só falo aqui, na linha das descobertas desse grupo, de jovens prostitutas que não estão submetidas a uma exploração regular por um proxeneta e que, por conseguinte, nem este trabalho nem o texto que ele comenta têm a pretensão de falar do fenômeno geral da exploração das prostitutas.

Recebido em 28 de maio de 2007  
 Aceito para publicação em 12 de junho de 2007